
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

FRESCOS, FANCHONOS E FRESCALHÕES EM CANTÁRIDAS E OUTROS POEMAS FESCENINOS

Paulo Roberto Sodré¹ (UFES)

RESUMO: Este artigo analisa aspectos historiográficos do tema da sodomia nos sonetos humorísticos “Decadência” e “Na encruzilhada do destino...”, ambos de Paulo Vellozo, que constam de *Cantáridas e outros poemas fescenininos*, livro coautorial de Guilherme Santos Neves, Paulo Vellozo e Jayme Santos Neves, produzido em Vitória, entre os anos de 1930, mas publicado somente em 1985. Aborda-se o assunto a partir dos estudos sobre a sodomia na *Belle Époque* de James Green (2019) e Leonardo Mendes e Renata Vieira (2020), e dos estudos críticos de Oscar Gama Filho (1985) e Felipe Fiuza (2009) sobre os poemas de *Cantáridas*. O trabalho observa que o tema da sodomia é tratado humoristicamente pelos autores, por meio especialmente de caracteres cômicos como o malandro e o esganado, apontados por Vladímir Propp (1992), de que os sonetos de Vellozo são uma amostra. Na discussão, percebe-se igualmente que o humor dos poemas segue na contramão da perspectiva moral, médica e jurídica negativa da época, que condenava e reprimia os homens que agiam em “pecado contra a natureza” e manifestavam o que era considerado “doença endocrinológica ou psíquica”.

PALAVRAS-CHAVE: humor literário brasileiro; sodomia; poemas humorísticos; Guilherme Santos Neves; Paulo Vellozo; Jayme Santos Neves.

FAGGOTS, FAIRIES AND FRUITS IN CANTÁRIDAS E OUTROS POEMAS FESCENINOS

ABSTRACT: It analyses historiographic aspects of sodomy in Paulo Vellozo’s humoristic sonnets “Decadência” and “Na encruzilhada do destino...”, included in *Cantáridas e outros poemas fescenininos*, co-authorship book of Guilherme Santos Neves, Paulo Vellozo and Jayme Santos Neves, produced in Vitória, during the years of 1930, but published only in 1985. The discussion is based on studies about sodomy in *Belle Époque* by James Green (2019) and Leonardo Mendes and Renata Vieira (2020), and on the critical approaches by Oscar Gama Filho (1985) and Felipe Fiuza (2009) about *Cantáridas*. It observes that sodomy is presented in humoristic mode by the authors who illustrate it by using, specially, comic characters as rascal and avid, according to Vladímir Propp studies (1992). It also notes that those authors, however, ignore in their obscene poems the negative moral, medical and juridical perspective of the time, which repressed men who acted in “sin against nature” or showed what was considered “endocrinological or psychic disease”.

KEYWORDS: Brazilian literary humor; sodomy; humoristic poems; Guilherme Santos Neves; Paulo Vellozo; Jayme Santos Neves.

Recebido em 31 de março de 2020. Aprovado em 25 de junho de 2021.

¹ paulorsodre8@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/2187592206957865>

É muito comum na poesia voltada para o riso, seja o crítico expresso na sátira ou o lúdico expresso na poesia humorística, poetas eruditos, que se renderam à poesia “sacana”, dedicarem seus versos ao tema da “sodomia”. Tanto em “Histórias fesceninas e poemas cantáridos”, apresentação de Oscar Gama Filho para *Cantáridas e outros poemas fesceninos* (1985), como na “Introdução” de Alexei Bueno para sua *Antologia pornográfica: de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso* (2004), percebe-se o fascínio que o tema da atração entre homens vem exercendo desde os escritores antigos. Juvenal, entre os satiristas romanos; Pero da Ponte, entre os trovadores peninsulares; Gregório de Matos, entre os autores barrocos; Laurindo Rabelo, entre os versejadores românticos, ou Olavo Bilac e Guimarães Passos, entre os sonetistas parnasianos, todos dedicaram sua pena aos pederastas, sodomitas, fanchonos, frescos e veados (ou *viados*), pondo-os, entretanto, sempre sob o olhar satírico, superior, redutor.

Considerada ao longo dos séculos como “pecado contra a natureza”, “crime contra a moral e os bons costumes” (Trevisan 2018: 160-171) e “doença endócrino-lógica ou psíquica”, a homoafetividade vem ganhando legitimidade desde os anos de 1990, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) (Veiga 2020), não sem muitas lutas, militância e pressão junto às instituições médicas, parlamentares e jurídicas. Assim, cada vez mais os termos pejorativos são deixados de lado, dada a possibilidade de enquadramento judicial daqueles que os usam ofensivamente: pederasta (termo posto em circulação desde 1877, derivado de pederastia, em circulação desde 1858, que significa “prática sexual entre um homem e um rapaz mais jovem” e, por extensão, “homossexualidade masculina” (Houaiss e Villar 2001: 2163), invertido (usado desde 1836 com o sentido pejorativo de “que ou quem mantém relação sexual com pessoa do mesmo sexo; homossexual” (Houaiss e Villar 2001: 1644), puto (já usado com o sentido de pederasta desde o século XIII, nas cantigas de escárnio e maldizer galego-portuguesas (Lapa 1985: 366), fanchono (registrado desde 1562 no sentido pejorativo de “pederasta ativo; fanchão” (Houaiss e Villar 2001: 1305]), fresco (por comportar-se e vestir-se bem “que ou aquele que é efeminado; maricas” [Houaiss e Villar 2001: 1391]), veado, bicha (provavelmente um termo derivado do francês *biche*, feminino de veado ou sinônimo de jovem mulher, que os próprios homossexuais teriam usado para contrapor o ofensivo “veado” [Green 2019: 155-156]) etc. Mas são justamente tais termos esculhambadores que os autores vinham utilizando ao longo dos séculos, e desaguaram, por conseguinte, nos poemas de *Cantáridas*, herdeiros dessa tradição hoje vista como homofóbica.

No capítulo “Sexo e vida noturna: 1920-1945” do estudo historiográfico de John N. Green, *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX*, o autor refere um jovem migrante capixaba. A citação extensa, em que se narra o motivo das prisões de H. O. por suspeita de “vadiagem”, isto é, sustentar-se a partir de ocupação proibida por lei ou ofensiva da moral e dos bons costumes (Green 2019: 68), se justifica, dado o detalhamento de uma situação histórica que observaremos nos poemas

de *Cantáridas e outros poemas fesceninos*, de Paulo Vellozo, Jayme Santos Neves e Guilherme Santos Neves (1985):

Um dos milhares de jovens que migraram do campo para o Rio de Janeiro nos anos 30 foi um garçom “pardo” de vinte anos. Leonídio Ribeiro, o médico criminologista cujos escritos sobre o garçom nos deram uma ideia geral sobre sua vida, apenas identificou o jovem por suas iniciais, H. O. O rapaz, a quem vou chamar de Henrique, era proveniente do Estado do Espírito Santo e, no Rio, trabalhava servindo refeições numa pensão do centro. Em 6 de dezembro de 1936, ele foi pego pela polícia.

Ele havia sido detido uma outra vez, por volta da meia-noite, alguns meses antes. (...) Na noite de sua segunda prisão, ele terminara seu turno na pensão e andava com alguns amigos na direção do Teatro Olímpio. Porém, insistiu Henrique, não estava praticando nenhum ato ilícito. “Passava o carro da Polícia e nos pegou. De lá eles nos mandaram para aqui; para sermos examinados”, disse ao oficial que tomou seu depoimento na delegacia. Durante a investigação, Henrique admitiu que ele não se interessava por mulheres e que se sentia atraído por homens desde os treze anos, quando teve seu primeiro contato sexual com um soldado, num cinema. Ele também admitiu que gostava de receber a penetração anal, e que preferia jovens garotos como parceiros sexuais. No Rio, quando “pegava” alguém, iam para um quarto alugado onde podiam praticar sexo. (Green 2019: 132-133)

Para além do perfil de um rapaz que migra para um estado menos provinciano em busca de afinidades – e ainda que não se identifique o local (“do campo para o Rio de Janeiro”) de onde ele teria saído, se de Vitória ou de outra cidade menor do Espírito Santo –, esse personagem e essa situação nos permitem inferir aspectos do contexto do comportamento homossexual e daqueles que o investigavam (Henrique, como outros suspeitos de *inversão*, foi recolhido pelos policiais com finalidades de exame científico em curso na época (Trevisan 2018: 185-186) e ajudam-nos na compreensão da pederastia nas cidades periféricas e sua relação com a capital federal, na época, o Rio de Janeiro.

Um outro documento interessante e complementar àquele é o exposto na revista de atualidades publicada em Vitória desde 1923, *Vida Capichaba*. Num trabalho inédito (Sodré 2016), observamos que a sodomia, salvo melhor informação, não entra comumente como tema do periódico, mas é comentada na seção “O Pavilhão das Bonecas”, estreada em 1925. O signatário em pseudônimo, Olho de Vidro, é apresentado pelos editores como “um sagaz e scintillante ‘Olho de vidro’, que tudo vê e anuncia, numa indiscreção incorrigível, alcançando certos segredos sociaes... (...) ‘casos interessantes’, aliás numerosos e quotidianos, de sua... imaginação” (Vidro 1925, n. 51: [s. p.]). Nota-se que a intenção é, sob a pretensa *imaginação*, anunciar de modo bisbilhoteiro e indiscreto as “novidades” da vida social dos capixabas. Nessa seção o tema será tratado aqui e ali por Olho de Vidro. Um de seus textos insinuará a sodomia de um “engenheiro moreno”, cobiçado nas “rodas femininas”, morador próximo do

“Viaducto” (referência ambígua ao Viaduto Caramuru, que liga os morros que compõem a Cidade Alta, em Vitória):

Certo jovem medico, muito apreciado nas rodas femininas, desapareceu da circulação. Há dias, no Parque Moscoso, commentaram o facto, e uma senhorita espirituosa informou: – está na santa companhia daquelle engenheiro moreno, mais conhecido por “o moço do viaducto...” (Vidro 1925, n. 53).

Tem causado especie e tambem consternação a molestia daquelle sympathico engenheiro. Todas as moças perguntam aflictas: – Que tem elle? Qual é a doença que o levou ao leito e ao bisturi do dr. Paschoal? E ninguém responde... (Vidro 1925, n. 55).

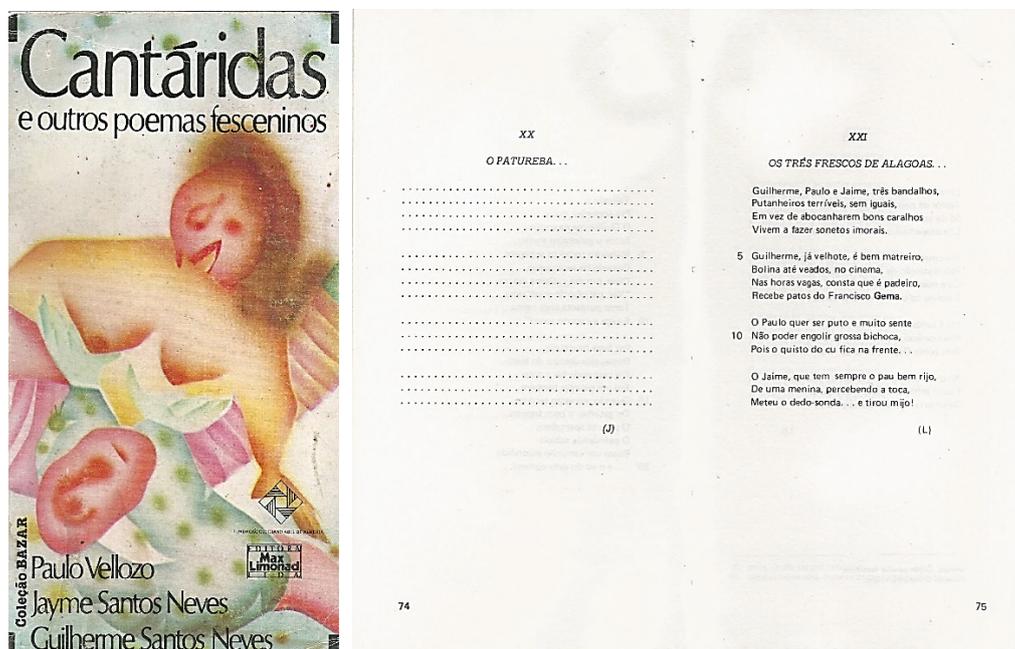
Nas breves crônicas, o humor é conseguido pelo jogo de palavras “moço do viaducto” – isto é, “veado” – e pela metaforização obscena ligada à medicina e à sua prática: “Qual é a doença que o levou ao leito e ao bisturi do dr. Paschoal?”. Com isso a narrativa sobre o engenheiro e o médico ganha um engraçado subtexto: o desejo (“doença”) do “moço do viaducto” o levou ao leito (não do hospital) e ao corpo (não ao bisturi) do médico, igualmente acusado de homossexualismo. Há uma frustração nas “rodas femininas”, e o “caso amoroso” recebe a crítica direta de Olho de Vidro, na medida em que a metáfora se desenvolve a partir do campo semântico da “molestia” e “doença” do engenheiro. Essa situação “imaginada” pelo colunista humorístico envolve figuras do alto circuito social, respeitadas, não obstante sua suspeita pederastia, pela sociedade (Gomes Junior 2017: 9), diferentemente do migrante pardo Henrique e muitos outros que, mais ou menos desprotegidos socialmente – sobretudo pobres, pretos e migrantes –, precisaram buscar alternativas em outros lugares onde pudessem vivenciar sua “molestia” com menos risco.

Esses homens distinguidos pelo desejo imputável de pecado, vício, doença ou crime são as figuras que se dão a ver na poesia humorística de Paulo Vellozo, Jayme Santos Neves e Guilherme Santos Neves recolhida em *Cantáridas e outros poemas fesceninos*, livro produzido em Vitória, entre os anos de 1930. Tendo em vista os estudos histórico-sócio-culturais de James Green (2019) e Leonardo Mendes e Renata Vieira (2020) sobre o homossexualismo e a pornografia na *Belle Époque*, e os histórico-crítico-literários de Oscar Gama Filho (1985) e Felipe Fiuza (2009) sobre *Cantáridas*, o propósito neste trabalho é observar alguns aspectos histórico-sociais no tratamento literário humorístico dado por Vellozo e pelos Santos Neves ao tema dos “veados” capixabas nos anos de 1930.

Guilherme Santos Neves (1906-1989), fundador da cátedra de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e um dos grandes estudiosos do folclore capixaba, membro fundador, em 1946, do Centro Capixaba de Folclore, vinculado à Academia Espírito-santense de Letras, produziu, em parceria com o amigo Paulo Vellozo (1909-1977), advogado que atuou como delegado e chefe de polícia, promotor público, político e docente na Ufes (Neves 1985: 265), e com o irmão Jayme Santos Neves (1909-1998), médico e também docente dessa Universidade (Neves

1985: 265-266; Arquivo 2019), *Cantáridas e outros poemas fesceninos*, obra marcada pelo fato de os três rapazes de família tradicional vitoriense resolverem tirar “sarro” da cara um do outro e de seus amigos e parentes.

Distinguindo-se de Olavo Bilac (pseudônimo Puck), Guimarães Passos (Puff) ou Henrique Coelho Neto (Caliban), que usaram pseudônimos para publicação de seus poemas de “pornografia decotada”, textos tornados palatáveis “para seus pares na imprensa e nos salões literários”, ou de “brejeirice literária”, eufemismo para literatura erótica que fazia corar mas rir também (Mendes; Vieira 2020), os autores de *Cantáridas* não tinham intenções de publicação na época. Talvez por isso, descomprometidos que estavam com a recepção conservadora de suas pilhérias obscenas pelos contemporâneos, acabaram por produzir, a três mãos, uma obra traçada pela singularidade, sexualidade, irreverência (Gama Filho 1985: 11) e silêncio editorial.



Capa e páginas de *Cantáridas e outros poemas fesceninos* (Fotos do autor).

Nos setenta e quatro poemas que integram *Cantáridas* e nos vinte que compõem *outros poemas fesceninos*, várias referências à vida dos autores se encontram, por exemplo, na menção à ascensão profissional de Paulo Vellozo, que transitou de funcionário da secretaria do Ginásio do Espírito Santo a Delegado da Capital. Essa estreita relação entre poemas e biografia dos autores – dados biográficos que compreenderemos barthesianamente como biografemas, isto é, dados do autor em sua dimensão e funcionamento textuais, ficcionais, poéticos (Figueiredo 2007) – se explica pelo modo de produção e pela finalidade desses textos: divertir a família e os amigos (Neves 1985: orelha do livro).

Um dos primeiros e bastante detalhados estudos sobre essa coletânea reunida por Paulo Vellozo é “Histórias fesceninas e poemas cantáridos”, assinado por Oscar Gama Filho. Essa introdução apresenta os fesceninos – “qualquer poema que (...) alie a sátira a uma abordagem lúbrica, em linguagem licenciosa e sem pudores, de temas ligados à sexualidade, tidos como obscenos” (Gama Filho 1985: 12) –, sua história desde as origens na cidade italiana de Fescênia, passando, numa espécie de breve antologia, pelos vários períodos, locais e obras em que esse tipo de poesia foi glosado e preservado.

Ao tratar do livro, propriamente, Gama Filho orienta o leitor para os aspectos fundamentais dos poemas: a predominância do soneto, “empregado fora dos conteúdos da ideologia estética que a criou, constituindo, assim, uma verdadeira paródia a ela” (Gama Filho 1985: 28); a datação presumida dos textos; a linguagem, marcada pela “opulência vocabular (...) não só pela presença de vários arcaísmos, de indianismos, e de inúmeros termos regionais. É grande o número de neologismos”, ademais “da riqueza sinonímica de termos chulos ligados ao sexo e ao corpo” baseados muitas vezes em palavrões oriundos da poesia fescenina portuguesa dos séculos XVIII e XIX (Gama Filho 1985: 29). Em seguida, Gama Filho apresenta os motivos e temas que permeiam os versos cantáridos, como a sodomia, a felação ou a zoofilia (1985: 31) e aponta o traço fundamental que desenha *Cantáridas*: a intertextualidade por meio de paródias a famosos poemas de Shakespeare, Camões, Poe, Gonçalves Dias, Raimundo Correia, Gabriela Mistral et alii (Gama Filho 1985: 34-35).

Além dessa apresentação de Gama Filho, em 1992, na inédita *História da literatura do Espírito Santo*, Luiz Busatto comenta brevemente os poemas cantáridos, destacando sua singularidade, pois “É uma obra feita ao acaso, sem intenção oficial de publicação. (...) O leitor penetra na área reprimida do mundo burlesco, obsceno e licencioso. O feito destes três capixabas erige-se como um mosaico ímpar do gênero dentro do modernismo brasileiro, numa face tardiamente revelada” (1992: 120).

O tema central do livro, o homossexualismo, é um dos aspectos que Felipe Fiuza analisará em trabalho de 2009, *Cantáridas: uma trindade de sátiros na década de trinta*. Nesse estudo, Fiuza expõe sobre a tradição fescenina, a sodomia, a caricatura e o riso como regras do jogo nos poemas; destaca, no capítulo 4, “Paródias áridas: comer um cu ouvindo estrelas”, a leitura paródica e apresenta três poemas suprimidos na edição de 1985.

Apesar de audacioso, o tema do homossexualismo masculino ocorre frequentemente na literatura licenciosa da *Belle Époque* em geral, distinto do feminino, mais comum na literatura libertina (Mendes e Vieira 2020). Esse tipo de conteúdo não era muito admirado pelo público dos anos da *Belle Époque* tardia capixaba, moralmente comportado, fundamentado habitualmente em tabus sociais e preconceitos de toda espécie.

Para Jayme Santos Neves, ao justificar nos anos de 1980 sua permissão para a edição do livro, depois de alguma relutância, a autorização se deveu ao fato de ele ter concluído que o “texto representa e define, em verdade, o espírito de uma época ale-

gre e distante” (1985: 43). Um tempo, podemos inferir, ligado à memória da família e dos amigos e não necessariamente ao contexto de crescente autoritarismo, com a ascensão de Getúlio Vargas e, no caso dos homossexuais, de progressivo controle por parte da família, da justiça, da medicina e da polícia, como relata Green (2019: 201).

Voltando ao que diz respeito à composição de *Cantáridas*, percebe-se que cada poema escrito é registrado ou assinalado individual ou coletivamente por uma única letra, P (Paulo Vellozo), G (Guilherme Santos Neves) ou J (Jayme Santos Neves), revelando assim a natureza da autoria. Exceção curiosa é o poema XXI “Os três frescos de Alagoas...” (Vellozo, Neves e Neves 1985: 75), “assinado” por L (Lapisuinha, apelido de Raul de Oliveira Neves, um primo dos Santos Neves, personagem de 28 poemas, em 4 deles como figura secundária (Fiuza 2009: 46), e alvo de uma série deles em que é chamado de Lápís, Lapisu ou Cabecinha (Neves 1985: 218), mas de autoria de Paulo Vellozo, como comenta Reinaldo Santos Neves (1985: 224). No caso dos poemas escritos em parceria, a letra aparece também no início de cada verso (Fiuza 2009: 16).

Outro aspecto importante, para além de sua dimensão fescenina, é o caráter humorístico fundamental dos poemas com o propósito do riso (Bremmer e Roodenburg 2000), não necessariamente da censura ou crítica, próprias da sátira (Bilac e Passos 1905: 198). Como observa Felipe Fiuza, independente de “as brincadeiras serem ofensivas ao ‘moral’ dos satirizados, a gargalhada não é exclusiva dos satiristas, mas coletiva, porque todos os satirizados também riem” (2009: 29).

Tal ação (dos poetas) e reação (dos satirizados, inclusive os próprios poetas) lembra o ritual da “injúria lúdica”, como argumentamos em outro estudo sobre *Cantáridas* e sua relação com a prática escarninha medieval: “as acusações – explícitas ou veladas por equívocos verbais –, de lascívia, avareza, sodomia, roubo etc., em alguns casos, seriam, na verdade, injúrias não reais, mas brincadeiras e jogos com intenção de pilhéria e diversão” (Sodré 2011: 170). Só assim compreendemos o que Jayme Santos Neves chama de “esculhambação” nos poemas (Neves 1985: 44).

Dentre os noventa e quatro poemas que constituem as duas partes do livro – isto é, “*Cantáridas*” e “*Outros poemas fesceninos*” –, Oscar Gama Filho lista trinta e sete poemas que ele denomina “pró-homossexuais” (1985: 31, nota 24). Além desses, há aqueles que mencionam os “frescos”, sem dedicar-lhes maior atenção.

A opção de Vellozo e dos Santos Neves na glosa do tema dos sodomitas segue uma tradição de assuntos, palavrões e explicitações que remonta aos trovadores medievais com seus “fodidos”, “putos”, “caralhos” e “colhões” (Sodré 2007), e aproveita as lições obscenas de Bocage, Bernardo Guimarães, além de Rabelo e Múcio Teixeira.

Como escapa ao limite deste estudo a observação dos trinta e sete poemas sobre os fanchonos de *Cantáridas*, passamos a examinar alguns que expõem o ambiente que o garçom Henrique parece não ter encontrado no Espírito Santo, o que o levou a migrar para o Rio de Janeiro. “Decadência”, de P(aulo Vellozo), apresenta uma situa-

ção muito comum no final do século XIX e início do XX no Rio de Janeiro: o ponto de vista dos heterossexuais do “vício” da “veadagem”:

A cara do sacana não negava
E o rebolar do cu era um indício...
No entanto, ninguém acreditava
Pudesse ter o Lápis esse vício...

Quando sobre o meu pau, o anal furo
O putalhão jogava, eu, sem maldar,
Apesar de ficar de nabo duro,
Não cria qu’ele me quisesse dar...

Depois que nos deixou o fresco reles
Caiu na boca do baixo povinho
Por andar com o Élvio e co’o *Fidélis*.

Dizem mesmo que o viram, entre touças,
Na praia do Suá, agachadinho,
Tendo na ré as bolsas do Rebouças...
(Vellozo, Neves e Neves 1985: 115)

Nesse soneto de Vellozo, a persona cantárida – chamemos assim a persona satírica desses poemas – narra o assumir-se “fresco” de Lápis. O título “Decadência” já imprime ao texto o juízo e a sentença moral que contornarão esse assumir-se ou, em termos mais atuais, “sair do armário”. O efeito humorístico do poema parece se diluir justamente pelo peso judicatório do título, que efetiva um ponto de vista mais satírico do que humorístico, sacana ou divertido. A despeito disso, o que está em pauta no poema é o “vício” de Lápis e como, com quem e onde ele o pratica.

O estudo de James Green, *Além do carnaval*, indica a existência, a partir dos documentos médicos da época, de dois tipos de homossexuais: os efeminados e os não efeminados. Isso gera uma dificuldade no uso da terminologia: nos anos de 1920 ou anteriormente, “o termo *viado* uniu-se aos epítetos *puto* e *fresco*, no linguajar popular, como outra palavra depreciativa para referir-se a homens efeminados que praticavam sexo com outros homens” (Green 2019: 147). Nos anos de 1930, criou-se “*Bicha*, outro termo para homem efeminado” (Green 2019: 155). Já “*pederasta*”, usado para “designar as atividades homossexuais entre adultos” (Green 2019: 98) desde o século XIX, continua nos anos de 1930 como o mais usado “para designar homens que praticavam [ativa ou passivamente] sexo com outros homens” (Green 2019: 147).

Estudado por Green, Leonídio Ribeiro, que investigou o caso do garçom pardo caipixaba chamado H.[enrique] O., aponta uma espécie de topografia da prática homossexual carioca: as ruas do centro da cidade e quartos de hotéis eram procurados por homens da classe média e baixa; os migrantes e outros homens buscavam “Cinemas,

estações ferroviárias e determinadas ruas [que] estavam entre os múltiplos locais onde podiam encontrar outros homens, e, no entanto, deveriam manter-se cautelosos para evitar as prisões” (Green 2019: 134).

A descrição de Lápis e sua atuação coincidem, desse modo, com o que ocorria na capital. Nas crônicas de Olho de Vidro, como observamos, o tratamento dado aos homossexuais “engenheiro moreno” e “dr. Paschoal” resulta numa visão irônica, insinuada, mas francamente afirmativa, porque ambos parecem se frequentar a despeito do que dizem as “rodas femininas” num dos locais mais disputados pela sociabilidade da cidade, o Parque Moscoso, zona nobre da capital espírito-santense nos anos de 1930.

Como o engenheiro e o médico, Lápis revela seu traço homossexual para o poeta por meio de dois indícios: a “cara” e o “rebolar do cu”. Normalmente, a cara implica o olhar insinuante, efeminado, passivo, às vezes maquiado, diferente do “invertido honesto”, isto é, homens que “procuram dominar seus instintos anormais e satisfazem seus anormais desejos com recato” e que, por essa razão, “não merecem qualquer punição, já que não são responsáveis por sua doença” (Trevisan 2018: 183), ou “homem verdadeiro”.

No estudo de Green sobre as décadas iniciais do século XX, percebe-se uma “subcultura homossexual” marcada pela urbanidade e pela bipolaridade na atuação sexual dos homossexuais: ativos e passivos reproduzindo, enfim, os papéis de gênero convencionais, masculino e feminino (Green 2019: 145). Como Lápis “rebola o cu”, isso significa que sua adesão ao papel de pederasta passivo está posto pelo poeta, encarado por Lápis como um possível “homem verdadeiro” que, na verdade, não se concretiza, dada sua heterossexualidade. Frustrada a tentativa, Lápis busca a companhia de outros, Élvio, Fidélis, “hóspedes da pensão de D. Grinalda, na Cidade Alta” (Neves 1985: 237-238) – e Rebouças, com quem Lápis se encontra, “entre touças,/ Na praia do Suá, agachadinho”, passivo a suas “bolsas” (os testículos [Almeida 1981: 49]).

Um outro aspecto a ser apontado é a bissexualidade e a vida dupla de alguns homens, comum no período histórico abordado por James Green e no contexto dos poemas de *Cantáridas*. Nas primeiras décadas do século XX, os “homens verdadeiros” poderiam ser bissexuais, solteiros ou casados, que, dadas as coerções sociais e jurídicas, preferiam seguir o modelo normativo heterossexual, casando-se com uma “moça de família”. Segundo Green, “Presume-se que esse tipo de pressão institucional a fim de desencorajar atividades homossexuais servia para disciplinar e desmoralizar alguns indivíduos, que acabariam por reverter a um estado de ‘normalidade’ heterossexual”, ainda que alguns resistissem e mantivessem seus desejos “incuráveis” (Green 2019: 201).

Embora o teor dramático dessa situação não se evidencie no poema que se quer, decerto, humorístico, pode-se inferi-la de certa maneira no poema “Na encruzilhada do destino...” (1985: 132), em que P(aulo Vellozo) noticia o casamento de Lápis e relata a reação de seus parceiros de “fodança”:

O Lápis vai casar-se. E o *Lauro* Vaca
Já sente o olho do cu lacrimejar;
Saudoso, de antemão, daquela estaca
Que usava pra no rabo encastoar.

Choram também *Fidélis*, o *Vilaça*,
A *Letargal* família fodilhona,
O *Élvio*, *Pé-de-Boi*, a *Grinaldaça*,
Locatários do nabo do fanchona.

O Lápis, co'a bichoca comovida,
Distribui pentelhões como lembranças...
Dá fodotes nos cus, por despedida...

E a turma agradecida e conformada
Inaugura-lhe – em meio da fodaça –
O perfil do caralho... na sacada!

Ausente a figura da noiva, importa à persona do poema narrar o fim de um período de “bandalheira” de Lápis, cuja pederastia se encerra em prol de seu novo estado civil (e sexual). Desse modo, *Lauro* (o itálico nos nomes próprios indica a substituição que os editores fizeram do nome original no poema por outro, evitando assim a suscetibilidade dos membros da família dos mencionados [Neves, R. 1985: 45]), *Fidélis*, *Vilaça*, *Élvio*, *Pé-de-Boi* e *Grinaldaça* recebem “pentelhões” (em vez de cachos de cabelo, como na tradição das lembranças afetivas) e “fodotes nos cus, por despedida”. O desfecho, ou chave de ouro do soneto, centra-se no que marca a figura de Lápis no poema: fanchono ou pederasta ativo cristalizado no perfil não de seu rosto, mas de seu “caralho”.

Observando a produção de *Cantáridas*, a partir da consideração um pouco mais detalhada do contexto histórico e social de sua época, de fato surpreende, por um lado, o à vontade e certa “descontração” com que os autores lidaram com o tema. Por outro, a ausência ou omissão, salvo melhor leitura, de uma perspectiva médica negativa no discurso e na linguagem, especialmente nos poemas de Jayme S. Neves, estudante de Medicina e, logo em seguida, médico, portanto, próximo do ponto de vista que encarava os homossexuais como invertidos, desviados e doentes. Isso porque os anos de 1930 e 1940 foram particularmente alarmantes e arriscados para as práticas homossexuais e, por conseguinte, para os poemas fesceninos, como vimos, uma vez que as instituições centrais do Estado, a polícia, a justiça e a medicina, tentavam descrever, definir, refrear e subjugar o que se considerava um “desvio” no ideal de sociedade naqueles anos.

Como se sabe, os caracteres cômicos são definidos a partir de seus pequenos defeitos (Propp 1992: 135). No contexto dos anos de 1930, ser “veado” era um deles, em especial quando era a expressão de sacanagem dos próprios personagens que

atuavam nos poemas. Para Vladímir Propp, “Cômicos podem ser os covardes na vida de cada dia (mas não na guerra), os fanfarrões, os capachos, os bajuladores, os mandrinhos, os pedantes e os formalistas de toda espécie, os unhas-de-fome e os esganados” (1992: 135). Não é difícil inferir dessa lista os caracteres que as personas cantáridas acusam: *mandrinhos* (que driblam as normas como Jaime e Lápis) e *esganados* (de desejo, como todos os alvos dos poemas). Coincidem, assim, com o perfil literário dos vários pederastas cantados desde os antigos, como os efeminados de Juvenal, até os contemporâneos “veados” dos Santos Neves e Vellozo.

No tenso ambiente dos anos de 1930, em que a Grande Depressão se alia à ascensão do comunismo e do fascismo, à grande crise política que, no Brasil, ensejou o governo autoritário de Getúlio Vargas e, em alguns pontos de vista, a tendência à eugenia, o homossexualismo se tornou um dos alvos mais visíveis das instituições defensoras da “harmonia” social. Doutores e advogados de classes alta e média tendiam a considerar que “comunistas, fascistas, criminosos, negros degenerados, imigrantes e homossexuais deveriam ser contidos, controlados e, no caso destes últimos, se possível, curados”. Nessa perspectiva, esse período persecutório por meio de um “campo de testes”, cujo objetivo era “purificar a nação brasileira e curar seus distúrbios sociais” (Green 2019: 203), passa ao largo do discurso de *Cantáridas*, embora se detecte nele o olhar patriarcalista que “aceita” os frescos, fanchonos e frescalhões apenas sob o viés do riso e da esculhambação via tradição literária, evidenciada nas paródias de famosos autores e poemas.

Precavida e provavelmente, os moços de *Cantáridas*, dois deles com formação em Direito e atuando na polícia, consideraram o perigo de se publicar o livro audacioso aos olhos da província capixaba, uma vez que as leis estavam atentas à “pornografia” não “decotada”, mas inteiramente *nua* do livro. Conforme João Silvério Trevisan, o Código Penal brasileiro foi reformado em 1932 e nele foi “acrescido, no capítulo que incluiu o ‘ultraje ao pudor’, da proibição de circulação em território nacional de folhetos, livros, periódicos, jornais, gravuras etc. que ofendessem a moral pública”. Desobedecida a lei, a infração implicava de “seis meses a dois anos de prisão do responsável, além de multa e perda do objeto onde constasse a ofensa (o que significava, na prática, que as publicações podiam ser recolhidas por ordem judicial)” (Trevisan 2018: 164-165). Diante dessas restrições, os Santos Neves e Vellozo preferiram manter seus poemas sob a tutela bem-humorada dos amigos, dos familiares. E, depois do silêncio de décadas, da posteridade.

Os tempos não estavam para “bundeiros” nem seus cantores.

OBRAS CITADAS

ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário de termos eróticos e afins*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. *Arquivo Público recebe coleção documental do médico Jayme Santos Neves*. Vitória: Arquivo Público, 2019. Disponível em: <<https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/arquivo-publico-recebe-colecao-documental-do-medico-jayme-santos-neves>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BILAC, Olavo, e Guimarães Passos. *Tratado de versificação*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1905.

BREMMER, Jan. Herman Roodenburg. Introdução. *Uma história cultural do humor*. Trad. de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000. 13-25.

BUENO, Alexei (Org.). *Antologia pornográfica: de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BUSATTO, Luiz. Sátira. HISTÓRIA da Literatura do Espírito Santo. Vitória: Cultural-ES, [1992]. Datiloscrito inédito constante do acervo da Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo. Tombo n. 869,0 (81) (091) H 673. Parte II, p. 112-120.

FIGUEIREDO, Eunice. Roland Barthes: da morte do autor ao seu retorno. *Criação e critic* (São Paulo), n. 12, p. 182-194, jun. 2014. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FIUZA, Felipe de Oliveira. *Cantáridas: uma trindade de sátiros na década de trinta*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Espírito Santo 2009.

GAMA FILHO, Oscar. Histórias fesceninas e poemas cantáridos. Paulo Vellozo, Jayme Santos Neves, e Guilherme Santos Neves. *Cantáridas e outros poemas fesceninos*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida; São Paulo: Max Limonad, 1985. p. 11-41.

GOMES JÚNIOR, João. “Frescos” e “Bagaxas”: apontamentos acerca do discurso médico sobre a homossexualidade e a prostituição masculina no Rio de Janeiro entre 1900 e 1930. In: ANAIS do XXIX Simpósio de História Nacional. *Contra os Preconceitos: História e Democracia*. Brasília: Associação Nacional de História, 2017. 1-12.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX*. Trad. de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Edunesp, 2019.

LAPA, Manuel Rodrigues. Vocabulário. . *Cantigas d’escarnho e de maldizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 3. ed. ilustr. Lisboa: João Sá da Costa, 1995. 287-392.

MENDES, Leonardo; VIEIRA, Renata Ferreira. *Pimentões (rimas d’O Filhote)*, de Puff e Puck: Olavo Bilac, Guimarães Passos e a “pornografia decotada” na *Belle Époque*. 2020. [Texto inédito].

NEVES, Inês de Aguiar dos Santos. *Kodack: as origens de Cantáridas*. Lino Machado, Paulo Roberto Sodré, e Reinaldo Santos Neves, orgs.). *Bravos companheiros e fantasmas 2: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: Ufes, 2007. 145-152.

NEVES, Reinaldo Santos. Comentários. Paulo Vellozo, Jayme Santos Neves, e Guilherme Santos Neves. *Cantáridas e outros poemas fesceninos*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida; São Paulo: Max Limonad, 1985. 215-263.

PUFF (Guimarães Passos), e PUCK (Olavo Bilac). Pimentões (rimas d'O Filhote). Rio de Janeiro: Laemmert, 1897. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=75773>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SIMÕES JÚNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: Unesp, 2007.

SODRÉ, Paulo Roberto. Unos con otros contra natura, e coftúbre natural: sobre a sodomia na sátira galego-portuguesa. *Signum* (São Paulo), n. 9, p. 121-150, 2007.

SODRÉ, Paulo Roberto. Camões (e injúria lúdica) em Vitória, 1933: a propósito de sonetos de g. em *Cantáridas*. *Ciências Humanas e Sociais em Revista* (Seropédica), v. 33, n. 2, p. 163-174, jul.-dez. 2011.

SODRÉ, Paulo Roberto. *Cantáridas e “Alfinetadas” na Vida Capichaba: estudo sobre literatura satírica produzida no Espírito Santo (década de 1920)*. Relatório de atividades (Licença para Capacitação) – Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. [Inédito].

TREVISAN, João Silvério. Entra em cena o homossexualismo. Rumo ao confinamento psiquiátrico-policial. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil. Da Colônia à atualidade*. 4. ed. revista, atualizada e ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. 172-186.

VEIGA, Edilson. Há 30 anos, OMS retirava homossexualidade da lista de doenças. *Deutsch Welle Brasil*, Bonn, 17 maio 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as/a-53447329>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

VELLOZO, Paulo, Jayme Santos Neves, e Guilherme Santos Neves. *Cantáridas e outros poemas fesceninos*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida; São Paulo: Max Limonad, 1985.

VIDRO, Olho de. Pavilhão das bonecas. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 51, 1925. Acervo eletrônico da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00051.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

VIDRO, Olho de. Pavilhão das bonecas. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 53, 1925. Acervo eletrônico da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00053.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

VIDRO, Olho de. Pavilhão das bonecas. *Vida Capichaba*, Vitória, n. 55, 1925. Acervo eletrônico da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/156590/per156590_1925_00055.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.